

**A MEMÓRIA PARA WALTER  
BENJAMIN E HANNAH ARENDT:  
ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA  
DA EDUCAÇÃO\***

Kamila Gusatti Dias\*\*

Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida\*\*\*

<http://dx.doi.org/10.18224/educ.v21i1.7183>



**Resumo:** *o artigo tem como objetivo problematizar a questão da memória como ponto de convergência e aproximação entre o pensamento de Walter Benjamin e de Hannah Arendt. Realizou-se uma análise das obras A Condição Humana e Entre o Passado e o Futuro, de Hannah Arendt, e Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura, de Walter Benjamin. A escolha dessas obras ocorreu em virtude da identificação, nelas, de convergências de pensamento sobre o direito à memória, seus sentidos e significados a partir da contemporaneidade. Benjamin evidencia uma experiência causada pelo horror da Primeira Guerra Mundial e o silenciamento vivido pelos soldados e suas experiências traumáticas, o que empobreceu suas ações comunicáveis. No diálogo que se buscou estabelecer entre as ideias arendtianas acerca da memória e a tradição, identificou-se que, embora a categoria memória não seja central nos escritos de Hannah Arendt, há conceitos voltados à História e Memória, perspectiva em que Hannah Arendt questiona as rupturas e descontinuidades vivenciadas pelos judeus no holocausto. Desse modo, o ponto de convergência entre os dois pensadores está na relação entre a liberdade individual e a tradição, no momento compartilhamento e de relações com o mundo que herdamos.*

**Palavras-chave:** *Memória. Hannah Arendt. Walter Benjamin.*

\* Recebido em: 18.03.2019. Aprovado em: 10.04.2019.

\*\* Doutoranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação Doutorado da PUC Goiás. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Educação, História, Memória e Cultura em diferentes espaços sociais. Desenvolve estudos na linha de pesquisa História e Historiografia da Educação. *E-mail:* kamilagusatti@hotmail.com

\*\*\* Doutora em História pela Universidade de Brasília (UNB). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Goiás. Líder do Grupo de Pesquisa Educação, História, Memória e Cultura em diferentes espaços sociais. *E-mail:* zeneide.cma@gmail.com.

Umas das inquietações mais prementes nos debates da historiografia atual é o lugar da memória nos estudos históricos. Não são poucos estudiosos que refletiram sobre o lugar da memória no interior dos estudos históricos ao longo do tempo. Nesse sentido, os estudos historiográficos da memória têm sido palco de discussões acerca da representação do passado. Autores como Paul Ricoeur, Pierre Nora, Paolo Rossi, Henri Bergson, Jacques Le Goff, Maurice Halbwachs, entre outros, pontuaram essa temática em seus escritos, bem como sua presença na historiografia, destacando a relação da memória como prática individual e social.

No entanto, é preciso considerar que ao longo dos anos, e por consequência das necessidades sociais de produção de conhecimento de cada período histórico, o conceito de memória vem se modificando.

Para La Capra (1983, *apud* DURAN; BENTIVOGLIO, 2013), essa mudança foi se instalando desde o final da Segunda Guerra Mundial como um aspecto decisivo para se pensar a possibilidade de narrativas sobre o passado. Walter Benjamin é um dos principais defensores da preservação da narrativa fundadora e compartilhada. Essa narração foi entendida por Paul Ricoeur (2007), como sendo fator preponderante para a representação e o ato de narrar, que sempre foi importante para dar continuidade aos estilos passados, ou seja, salvar o passado pela palavra, já que, sem essa retomada, a história desapareceria no silêncio.

O filósofo alemão Walter Benjamin, em sua obra *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, evidencia uma experiência causada pelo horror da Primeira Guerra Mundial. Para Benjamin (2012), os soldados vivenciaram experiências traumáticas que os deixaram pobres em suas ações comunicáveis. Houve, no período do pós-guerra uma ruptura e foram instauradas a ausência da liberdade, bem como a imposição do terror, deixando um legado causado pela violência e suas duras marcas.

Benjamin (2012) aborda, no capítulo *Experiência e Pobreza*, o não lugar que a narrativa ocupa no século XX. Diante disso, percebemos que a análise apresentada pelo filósofo ainda não perdeu sua atualidade.

Nessa perspectiva, a filósofa Hannah Arendt questiona, nas obras *A Condição Humana e Entre o Passado e o Futuro*, as rupturas e descontinuidades vivenciadas pelos judeus no holocausto. Sobre esse aspecto a convergência de ideias entre esses dois filósofos faz a urdidura nessa trama no diálogo.

O filósofo Walter Benjamin discorre, nessa obra, sobre a capacidade que foi perdida de contar histórias e atrelada a isso, o empobrecimento das relações comunicáveis entre os familiares e com a própria população, tornando os homens inábeis para transmitirem suas experiências por meio da tradição oral de contar suas narrativas, trazendo consigo a perda de sensibilidade pelas experiências coletivas.

Benjamin diagnostica que após a Primeira Guerra Mundial, com o apogeu da mecanização e da racionalidade com fins belicosos, os combatentes voltaram emudecidos e incapazes de relatarem suas experiências com a guerra. Nesse ínterim, a Europa já se assombrava com o totalitarismo implantado no pós-guerra, o que Hannah Arendt discute em sua obra *Origens do Totalitarismo*<sup>1</sup>.

Esse silêncio aterrorizava Benjamin (2012) que o via como ativo e criativo, o qual ocupava um lugar na concretização das narrativas. O contar é dinâmico, e sua força se restitui a cada vez que se retoma a contação. Para escutar, é preciso que alguns silenciem, um silêncio observador e atento, que joga para o outro a oportunidade de falar e ser ouvido (EWALD, 2008).

Discutir a concepção de memória em Hannah Arendt causa-nos grande incitação, haja vista que é um desafio por não se tratar de uma historiadora. A autora em questão não fez um trabalho de história. A história aparece no pensamento de Hannah Arendt como um problema. E cabe a nós, pesquisadores encontrarmos esses fragmentos em suas obras e assim realizar a interlocução entre os dois filósofos.

Para Arendt (2010), a memória é entendida como uma tradição, e para a educação tornar-se um elemento essencial, à medida em que sua relação de continuidade de uma geração fosse fator preponderante. Aqueles que nascem no mundo ainda não o conhecem, eles são como estrangeiros neste lugar, necessitam ser familiarizados com seus saberes e suas práticas, além de aprender as linguagens para serem capazes de se sentir em casa neste mundo. Essa tarefa de acolher os novos e mostrar a eles como o mundo é e introduzi-los nesse mundo público é da educação.

É a escola que deve apresentar aos mais novos as tradições, as histórias, suas conquistas e os conflitos, é ela que cuida do mundo que confiaremos às próximas gerações, agregando para à continuidade dele. É a partir da educação que também se acolhe os recém-chegados, que têm o direito de conhecer o mundo, de se apropriar dele para depois buscarem seus próprios caminhos e intervir naquilo que compartilham com os outros. E esse processo de compartilhamento pode ser inter-

pretado pelas tradições e o uso de suas memórias (individual e/ou coletivas).

Para Arendt (2013, p. 239), mostrar o mundo para os recém-chegados é tarefa dos mais velhos, pois, são eles que já participaram ou estão participando do percurso do mundo e são corresponsáveis por ele, “face à criança é como se o professor fosse um representante de todos os habitantes adultos, apontando os detalhes e dizendo à criança: Isso é o nosso mundo”. O professor é o elo entre uma geração e outra, entre o novo e o velho, entre o mundo e a criança, não passa apenas a instruir ou passar informações, mas familiariza os recém-chegados com algo que deve ser preservado, que possui significado para ele e que, passa ganhar significado para os novos.

Nesse sentido, percebemos a enorme relação entre o professor à figura do narrador de Benjamin, pois, é o professor que transmite as experiências e os saberes construídos ao longo do tempo, as descobertas e os conflitos, as realizações do passado, isto é, apresentado as tradições constituídas que lhes são legadas. Assim, na medida em que os alunos se reconhecem nessas histórias, passam a fazer parte desse mundo que compartilhamos. São os novos que darão continuidade às histórias que foram narradas, mas só poderão fazer isto se a educação possibilitar, em primeiro lugar, a apropriação desse lugar, e que depois vão fazer parte do “seu” mundo.

Por meio do pensamento de Arendt e Benjamin indagamos: por que as narrativas estão sendo perdidas e a tradição despedaçada dentro do contexto social, não sendo mais possível identificar a narrativa daqueles que nos antecederam, como uma forma de aprendizagem e continuidade da experiência? Por que a tamanha ênfase no novo nos faz deixar de ver o passado como um campo de possibilidades?

Nesse contexto, buscamos um diálogo com as ideias *arendtianas* acerca da memória e a tradição, as quais são evidenciadas em suas obras *Entre o Passado e o Futuro* e em *Condição Humana*, sendo importante lembrarmos que a categoria da memória não é central nos escritos de Hannah Arendt<sup>2</sup>, mas nos chamam atenção aqueles que estão voltados à História e Memória no contexto da modernidade.

É sabido que a filósofa alemã adentra ao campo da História, a fim de compreender a mudança das sociedades e da condição humana. Essa tensão se deve ao fato da relação amíuá entre passado e presente.

Imbuídas dessas considerações almejamos trazer a lume a concepção de memória em Walter Benjamin e sua interlocução com Han-

nah Arendt. Nesse sentido, buscamos uma reflexão sobre o direito à memória, seus sentidos e significados, a partir da contemporaneidade, principalmente, a partir do século XX, quando houve uma ruptura e uma descontinuidade nos processos chamados por Hobsbawm (1995) de destruição do passado.

## MEMÓRIA: EXPERIÊNCIAS E REMINISCÊNCIAS

As ideias *benjaminianas* no campo da memória permitiu-nos utilizar a categoria da “rememoração”, pressupondo “experiências” e/ou reminiscências do passado que são evidenciadas no agora. E essa relação entre passado e presente não é linear, tampouco transitória. Sobre isso Walter Benjamin escreve:

*Não é que o passado lança sua luz sobre o presente ou que o presente lança luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra presente lança luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação* (BENJAMIN, 2006, p. 504).

Na obra de Benjamin, supracitada, ele inicia o ensaio intitulado *Experiência e Pobreza*, escrito em 1933, precisamente no ano de ascensão de Hitler ao poder, definindo o conceito de experiência. O trecho a seguir exemplifica seu pensamento:

*Em nossos livros de leitura havia a parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho* (BENJAMIN, 2012, p. 114).

Na concepção de memória *benjaminiana*, o passado é restringido no presente, sendo que o último tempo centraliza o antes e o depois. A rememoração reconquista o passado no presente, por meio de imagens do presente. Para Jesus (2011, p. 3), “a rememoração é a retomada do passado no agora, isto é, a representação do passado me-

diante uma imagem do presente, a redenção é uma possível emancipação nesse *agora*". Para Benjamin (2006), as experiências perdidas são encaminhadas ao presente, dessa forma não serão solapados pelo esquecimento.

A memória em Benjamin tem a dimensão "contemporânea", encadeada pelo passado e apreendida pelas reminiscências passadas. A memória é sempre colocada lado a lado com as experiências autênticas. Para Silva (2013, p. 57), é importante destacar que "a memória é, nesse entrecruzamento, de forma contínua, amparada pela experiência". Silva (2013) revela ainda que, para Benjamin, a reminiscência é um dos elementos que formam a peculiaridade da memória, associada à imaginação e às experiências autênticas.

Walter Benjamin se apropria do pensamento de Marcel Proust ao afirmar que o passado parece perdido nos subterrâneos do esquecimento. Assim, para além de buscas voluntárias e involuntárias, trata-se de uma obra de reflexão sobre o tempo. Nesse sentido, o tempo:

*Permanece oculto até que, num acaso talvez, ele se acenda instantaneamente. Esse momento de possibilidade nos mostra que fragmentos do passado são mais do que resquícios de outrora, são fluxos que percorrem os caminhos temporais da memória e se instalam, no acaso e no instante, no agora. Mais essencial, portanto, do que a confluência entre passado e presente é a faísca que se acende no instante, fulgurando lembranças esmaecidas nos subterfúgios do passado (JESUS, 2011, p. 4).*

Com base na obra de Marcel Proust, Benjamin descreveu dois tipos de memória: voluntária e involuntária. Por memória voluntária, Benjamin compreende que é a memória colocada a serviço do intelecto e lembrando eventos passados pela conservação intencional do passado. Como tal, memória voluntária representa essencialmente as produções e criações do presente. Para Benjamin, memória involuntária seria a experiência que constitui a tradição, que mantém a continuidade entre presente e passado e que está ausente da representação que o presente faz do passado. A memória para este autor consiste em recordações constantes nas quais as lembranças são turbulentas. E a relação entre passado e presente escapa-se pela sua linearidade.

Hannah Arendt, ao escrever sua obra *Homens em Tempos Sombrios* (2008), contempla-nos com uma instigante reflexão, ao dizer

que os fragmentos do pensamento podem ser extorquidos do passado e reunidos sobre si, como “um pescador de pérolas que desce ao fundo do mar, não para escavá-lo e trazer à luz, mas para extrair o rico e o estranho, as pérolas e o coral das profundezas, e trazê-los à superfície” (ARENDR, 2008, p. 222). Dessa maneira, devemos nos transformar em “pescadores de pérolas”, assim seremos capazes de mergulhar em um passado e dele trazer “pérolas” para o agora, transformando esses tesouros “desconhecidos” num outro porvir. Para Arendt, a memória pode ser revisitada com nostalgia e reminiscências, a fim de trabalhar os “fragmentos do pensamento”, e com isso lançar-se ao estranhamento.

Arendt vê na educação um vínculo e compromisso com um mundo compartilhado. Arendt toma uma posição surpreendente, mesmo que a tradição levou ao impasse na educação, ela considera que não podemos abrir mão dos recém-chegados ou desistir da educação. Assim, “a educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele [...]. A educação é, também, onde decidimos se amamos as nossas crianças o bastante para não expulsá-las do nosso mundo” (ARENDR, 2013, p. 247).

Mesmo se ver saída, Arendt não nos isenta da responsabilidade dupla, as crianças e o mundo. Nessa direção, a autora reitera que é preciso “encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela – qualquer que seja” (ARENDR, 1989, p. 12). É preciso resistir a uma sociedade atomizada, incapaz de se comunicar, que não possui experiências compartilhadas. Precisamos acreditar e apostar na existência de um mundo comum, Arendt aprendeu com Benjamin que, na ausência de uma tradição, pode-se “descobrir novas formas de tratar o passado” (ARENDR, 2008, p. 208-9).

Dessa maneira, os estudos de Maurice Halbwachs (2003), ancoraram-se na relação existente entre a sociedade e a memória. Para ele, o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido em um grupo de referência. Essa passagem nos faz recordar que, de acordo com a interpretação de Benjamin, os abalos emocionais e os acontecimentos traumáticos, enfraquecem a memória coletiva de uma sociedade.

Thomson (1997, p. 57), defende a ideia de que “as reminiscências são *passados importantes* que compomos para dar um sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes”. E por meio desse processo de recordação e busca por lembranças do nosso passado,

pode nos afastar da nossa própria identidade. Assim podemos dizer que a nossa identidade delinea nossas reminiscências (THOMSON, 1997).

No pensamento arendtiano, esse processo acontece de maneira díspar; a filósofa alemã problematiza a questão da memória evidenciando que “não se trata do *que* podemos falar do passado, mas de *quem* pode evocar o acontecido” (TELES, 2006, p. 1).

Coadunado com Arendt, Teles (2006), defende a ideia de que a memória se realiza por meio da narrativa. Essa narrativa vem sofrendo algumas rupturas na contemporaneidade, haja vista que desde o século XX estamos vivenciando a crise do esfacelamento da tradição, uma ausência de diálogo e da falta de coabitação entre os pares, o mesmo ocorrido na Alemanha dos anos de 1930. A categoria *tradição* é discutida por Hannah Arendt em várias de suas obras. E, ao analisar essa ausência da tradição, Arendt assevera que é possível “descobrir novas formas de tratar o passado” (ARENDR, 2008, p. 208).

Diante aos acontecimentos violentos e de outras catástrofes impostas pelos regimes totalitários e autoritários, que desencadearam a partir do século XX, um elemento marcante do moderno: o esfacelamento da memória. A guerra, sem sentido algum, devido às novas armas, se transformou em um momento onde as pessoas se tornaram mudas, sem palavras para narrar tudo que aconteceu.

Quem poderia ser personagem da história, agora é reduzido a um ser supérfluo. Quando Arendt aborda a tradição, ela considera que não existe mais, pois o passado perdeu sua autoridade, não é mais um chão seguro no qual podemos nos movimentar. Não há mais história para compartilhar, e o mundo moderno se vê frente a perda de qualquer referência comum.

Destacamos que ainda temos informações sobre o passado, os acontecimentos, as obras que ficaram, os conflitos, mas não possuímos a tradição que nos diz onde estão os tesouros e qual é o seu valor, constituindo um mundo com o amontoado de coisas sem sentido e memória.

Recordamos o que possui significado para nós mesmos, por isso que as narrativas são recordadas, pois é nelas que estão os fatos transformados em histórias e, sem elas, não haverá futuro, pois não haverá uma história comum a ser compartilhada e continuada. Sem a tradição não temos continuidade consciente no tempo e, portanto, nem passado nem futuro, somente a sempiterna mudança do mundo e o ciclo biológico das criaturas que nele vivem (ARENDR, 2013).

Destarte, esse aniquilamento das nossas memórias fez com que as categorias de pensamento e critérios de julgamento fossem con-



frontadas, tornando-se substancial e, assim, outras novas categorias de pensamento, métodos de pensar a história emergiram, dando início ao problema da ruptura que assolou todo o século XX.

Os escritos de Arendt em seu livro *Entre o Passado e o Futuro* (2005) já denotam a preocupação com a devastação dos processos de memória e a transmissibilidade. De acordo com a autora, essa é a crise em que se encontra o homem moderno e contemporâneo: o passado não pode mais ajudar a responder às perguntas do presente (AREN-DT, 2005).

Consequentemente, diante das anomalias que estamos perpassando desde o século XX, tomamos o pensamento de Benjamin como aporte para a compreensão de que o passado alumbra o presente, no entanto, para um mundo em que o passado foi aniquilado, essa possibilidade é extorquida.

Nesse contexto, quanto mais inseridos estivermos em um determinado grupo, mais condições teremos de recuperar nossas memórias. No processo de recordar/rememorar, a díade memória individual e a memória coletiva, assume o papel totalizante para a recuperação e perpetuação da memória de um grupo.

## CONVERGÊNCIA NAS IDEIAS BENJAMINIANAS E ARENDTIANAS

Benjamin via novas formas de pensar o tempo e a memória, haja vista que sua oposição aos tempos lineares e sua concepção de progresso preconizava as temporalidades distintas, a fim de salvar tempos passados, revivendo-o de maneira desleal. Para tanto, Benjamin já vinha anunciando em suas obras os acontecimentos de que a evolução histórica caminhava rumo ao abismo e diante disso, ansiava por uma nova interpretação à história.

Essa questão nos faz pensar que as catástrofes coletivas provocadas por regimes autoritários e totalitários, devem estar em constante exercício da memória para que se elabore um significado para a vida em sociedade. Dessa maneira, o descaso com a memória é uma das características do século XX, não se tratando apenas de esquecimento, mas consequentemente da negação do passado e um mergulho de suas memórias em um “presentismo” que vise um futuro progressista.

A passagem de Hannah Arendt no livro *A Condição Humana* “*Nasceu uma criança entre nós*” (AREN-DT, 2004, p. 259), torna-se a

baliza de nossas reflexões nesse texto. A categoria central do pensamento arendtiano é a *natalidade*, vista como um milagre que pode salvar o mundo de seu aniquilamento. O fato de que nascem seres humanos no mundo indica que cada geração aparece em um mundo preexistente e que a ele sobreviverá; os “*novos*” chegam a um mundo “*velho*”, já posto. O nascimento inaugura uma história possível. O que vem posteriormente é a ação dos homens no mundo. Arendt afirma que viver é um permanente risco, mas há que confiar (ARENDR, 2004).

Arendt nos chama a atenção quanto a um “novo começo”, “novo nascimento”. Uma das categorias abordadas pela autora em *A Condição Humana*, publicada em 1958, propõe um novo começo, “esse começo é a promessa, a única “mensagem” que o fim pode produzir. O começo antes de tornar-se evento histórico, é a suprema capacidade do homem; politicamente, equivale à liberdade do homem” (ARENDR, 1989, p. 531).

Ao se defrontar com a existência de Auschwitz<sup>3</sup>, Arendt percebe que a história teve seu acontecimento, com começo, meio e fim, a história, de fato, aconteceu. E com isso a compreensão desse evento totalitário, causou-lhe um estranhamento e a perda de algumas referências. Assim, Arendt concebeu a história como uma “série de eventos, e não como uma força de curso previsível”, acontecimento que “ilumina o próprio passado; jamais pode ser deduzido dele” (GUSMÃO; SOUZA, 2010, p. 290).

Em convergência de ideias, os autores em questão anunciam que todo o acontecimento ao longo do tempo pode ser perdido para a história. E a partir das perspectivas teóricas acerca do pensamento de Walter Benjamin e Hannah Arendt sobre as interpretações que ainda não foram construídas, tentamos cessar a visão progressiva do tempo cronológico, o que nos leva a “acreditar que o passado não esvazia o presente, mas, ao contrário, lhe abre novas possibilidades de existir no futuro” (GUSMÃO; SOUZA, 2010, p. 289).

Um das categorias defendidas por Arendt e da qual Benjamin também se apropria é a *tradição*. Arendt (2005) descreve a tradição como um legado, no qual os antecessores decidem o que e como vão entregar esse espólio aos que vêm depois, seus sucessores.

O pensamento de Arendt e Benjamin se aproximam no momento em que a tradição passa a ser compreendida como uma história ressignificada à sua maneira. A tradição é entendida aqui como a propagação ou a comunicação das experiências.

Benjamin (2012) esclarece que a arte de comunicar experiências está em vias de extinção e, no entanto, é justamente nesse momento que podemos perceber com mais nitidez aquilo que está desaparecendo.

Como anunciam Benjamin e Arendt, é fato que cada vez mais a vivência humana está se tornando isolada e o espaço do intercâmbio com as experiências, memórias e narrativas estão se deteriorando, não sendo mais compartilhadas entre os homens na sociedade contemporânea.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que ao observarmos as ponderações de Benjamin e Arendt quanto ao desmantelamento do passado e a fragmentação da tradição, percebemos que ambos veem a história não apenas sob o olhar factual, mas, sobretudo sob o ponto de vista da transmissibilidade das experiências vividas e rememoradas.

E esse tipo de reconsideração do passado, na análise de Benjamin e Arendt, torna-se suas escolhas para analisar as transformações que surgiram como consequência do mundo contemporâneo.

Ao cabo de nossa reflexão, afirmamos que para Arendt (2013, p. 245), a perda da tradição é irreparável, pois, “não se pode, onde quer que a crise haja ocorrido no mundo moderno, ir simplesmente em frente, e tampouco simplesmente voltar para trás”. Essa perda chega a educação em sua essência. Quando não há mais nada a transmitir, não há mais conselhos para dar, não possuímos mais o que comunicar aos recém-chegados. Logo, a educação não possui vínculo e compromisso com um mundo compartilhado.

De maneira imprevisível a autora toma uma posição diante à tradição que levou ao impasse na educação, ela considera, que não podemos abrir mão dos recém-chegados ou desistir da educação.

Benjamin (2012), em seu ensaio sobre *O Narrador*, considera a tradição viva de modo muito importante. A tradição posta pelo autor é algo a ser transmitido ou comunicado a partir de experiências. As experiências são contadas pelos mais velhos, àqueles que possuem o dom de narrar as experiências de um lugar; as histórias sempre têm algo a nos dizer, algo que podemos aprender.

O narrador é aquele que se apropriou dessas experiências, que podem ser ou não algo que ele tenha vivenciado. As histórias fazem parte de um tesouro, de uma determinada tradição. É a partir do narrador, que a história ganha uma visão única e, assim, os ouvintes, por sua

vez, vão se apropriar cada um de seu modo da história, da experiência narrada. Assim, as histórias vão se alterando, sempre há mudanças e acréscimos, que antes pertenciam ao segundo plano, podem agora, ter relevância. Para Benjamin, o narrador não é simplesmente aquele que repete, mas sim, transformar, fazendo dele a sua narrativa: o professor torna-se um exemplo de narrador.

Desse modo, o ponto de convergência entre esses dois autores se dá por meio da relação entre a liberdade individual e a tradição, no momento em que compartilhamos e relacionamo-nos com esse mundo que herdamos. Em última análise, a memória se traduz no reconhecimento de nós próprios no tempo, uma forma de diálogo entre passado e presente, por meio dos discursos da história, responsáveis por dar continuidade aos estilos passados.

Assim foi possível refletirmos acerca de alguns caminhos possíveis para compreensão do papel da memória para a sociedade como um todo.

#### THE MEMORY FOR WALTER BENJAMIN AND HANNAH ARENDT: SOME REFLECTIONS ABOUT EDUCATION

**Abstract:** *the article have the intention of to problematize the issue of memory as a point of convergence and approximation between the thinking of Walter Benjamin and Hannah Arendt. An analysis of the works The Human Condition and Between the Past and the Future, by Hannah Arendt, and Magic and Technique, Art and Politics: essays on literature and history of the culture, by Walter Benjamin. The choice of these works occurred due to the identification of convergence of thoughts about the right to memory, its senses and meanings from the contemporaneity. Benjamin demonstrates an experience caused by the horror of First World War, the silencing experienced by the soldiers and their traumatic experiences, which impoverished their communicable actions. In the dialogue that was sought to establish between arendtian ideas about memory and tradition, it was identified that, although the memory category is not central to Hannah Arendt's writings, there are concepts focused on History and Memory, a perspective in which Hannah Arendt questions the ruptures and discontinuities experienced by the Jews in the Holocaust. Thus, the point of convergence between the two thinkers lies in the relation between individual freedom and tradition, in the moment sharing and relations with the world that we inherit.*

**Keywords:** *Memory. Hannah Arendt. Walter Benjamin.*

#### Notas

- 1 Obra publicada no ano de 1951, onde Arendt descreve e analisa os dois principais movimentos totalitários do século XX, o nazismo e o stalinismo.
- 2 Hannah Arendt não foi uma autora que se deteve aos estudos específicos da Memória, mas em sua obra *Entre o Passado e o Futuro*, no capítulo intitulado: O conceito de História: antigo e moderno, questiona a História como um processo de “imitação da ação”, e que hoje na época moderna ela é vista como um mero processo de fabricação e elaboração humana; desvinculando-se, portanto, da ideia clássica de que a história era a lembrança “dos feitos e sofrimentos dos homens” (ARENDDT, 2005).
- 3 É uma rede de campos de concentração localizados no sul da Polônia operados pelo Terceiro Reich e colaboracionistas nas áreas polonesas anexadas pela Alemanha Nazista, maior símbolo do Holocausto perpetrado pelo nazismo durante a Segunda Guerra Mundial.

#### Referências

- ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Tradução de Mauro W. Barbosa. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- ARENDDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. Revisão e apresentação de Adriano Correia. 11. ed. revista. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 8. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Tradução e coordenação: Willy Bolle. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/ UFMG, 2006.
- DURAN, Maria Renata da Cruz; BENTIVOGLIO, Julio. Paul Ricoeur e o lugar da memória na historiografia contemporânea. *Revista Dimensões*, v. 30, p. 213-244, 2013.
- EWALD, Felipe Grüne. Memória e Narrativa: Walter Benjamin, nostalgia e movência. *Revista Eletrônica de críticas e literaturas: Dossiê: oralidade, memória e escrita*. PPG-LET-UFRGS, Porto Alegre, v. 4, n. 02, jul./dez. 2008.
- GUSMÃO, Denise Sampaio; SOUZA, Solange Jobim e. História, memória e narrativa: a revelação do “quem” nas histórias orais dos habitantes do Córrego dos Januários. *Psicologia & Sociedade*, v. 22, n. 2, p. 288-298, 2010.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JESUS, Aline Ludmila de. Walter Benjamin e a história: reflexões sobre as temporalidades da memória. In: 5º Seminário Nacional de História da Historiografia: biografia e história intelectual, 2011, Ouro Preto. Caderno de Resumos & Anais do 5º Seminário Nacional de História da Historiografia: biografia & história intelectual. Ouro Preto: EduFOP, 2011, p. 1- 11.

RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SILVA, Priscilla Stuart da. *Educação estética: corpo, experiência e memória em Walter Benjamin*. 2013. 125f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

TELES, Edson Luis de Almeida. Pensar e agir: Narrativa e história na filosofia de Hannah Arendt. *Revista História Hoje*, São Paulo, v. 3, p. 3, 2006.

THOMSON, Alistair. Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. *Projeto História* n. 15, Educ. Editora da PUC-SP, São Paulo, abr. 1997. p. 51-84.